

# Vale a aposta em uma análise com crianças? Algumas observações sobre a psicanálise infantil

---

Dulcemara Machado Dedino

## Resumo

O artigo apresenta uma análise psicanalítica do caso clínico de uma criança de 11 anos que manifesta sintomas emocionais e somáticos, como gagueira e asma, em decorrência de experiências de *bullying* escolar. Examina-se o sintoma como expressão da verdade inconsciente do casal parental. Observa-se a ausência de uma função paterna operante como fator determinante na constituição do sintoma e na fragilidade emocional. A discussão fundamenta-se na teoria lacanianiana, abordando a especificidade do tempo lógico infantil e questionando a predominância da perspectiva desenvolvimentista. O texto evidencia o papel do analista como parceiro da demanda tanto da criança quanto dos pais, destacando como o sintoma possibilita uma tentativa de inscrição subjetiva diante do Outro. A análise oferece à criança um espaço para a elaboração de seu sofrimento, favorecendo a construção de um modo singular de lidar com o gozo e os fantasmas parentais. Reafirma-se a legitimidade e a singularidade da clínica psicanalítica com crianças, reconhecendo sua capacidade de alcançar o sujeito do inconsciente desde a infância.

## Palavras-chave:

Psicanálise com crianças; Função materna; Sujeito do inconsciente; Sintoma parental; Fantasia.

## Is it worth betting on psychoanalysis with children? Some observations on child psychoanalysis

## Abstract

This article presents a psychoanalytic analysis based on the clinical case of an 11-year-old child who displays emotional and somatic symptoms, such as stuttering and asthma, resulting from experiences of school bullying. It examines the symptom as an expression of the unconscious truth of the parental couple. It identifies the absence of an operative paternal function as a determining factor

in the formation of the symptom and the child's emotional fragility. The discussion draws on Lacanian theory, addressing the specificity of the child's logical time and questioning the dominance of the developmental perspective. The text highlights the analyst's role as a partner in the demand not only of the child but also of the parents, showing how the symptom represents an attempt at subjective inscription in relation to the Other. The analysis offers the child a space to work through suffering and supports the construction of a singular mode of dealing with jouissance and parental fantasies. It reaffirms the legitimacy and singularity of psychoanalytic practice with children, acknowledging its potential to reach the subject of the unconscious from early childhood.

### **Keywords:**

Child psychoanalysis; Maternal function; Subject of the unconscious;  
Parental symptom; Fantasy.

## **¿Vale la pena apostar por un análisis con niños? Algunas observaciones sobre el psicoanálisis infantil**

### **Resumen**

El artículo presenta un análisis psicoanalítico a partir del caso clínico de un niño de 11 años que manifiesta síntomas emocionales y somáticos, como tartamudez y asma, derivados de experiencias de acoso escolar. Examina el síntoma como expresión de la verdad inconsciente de la pareja parental. Señala la ausencia de una función paterna operativa como factor determinante en la constitución del síntoma y en la fragilidad emocional del niño. La discusión se fundamenta en la teoría lacaniana, abordando la especificidad del tiempo lógico infantil y cuestionando la preeminencia de la perspectiva del desarrollo. El texto destaca el papel del analista como socio de la demanda tanto del niño como de los padres, y muestra cómo el síntoma posibilita un intento de inscripción subjetiva frente al Otro. El análisis ofrece al niño un espacio para elaborar su sufrimiento y favorece la construcción de un modo singular de afrontar el goce y las fantasías parentales. Reafirma la legitimidad y singularidad de la clínica psicoanalítica con niños, reconociendo su capacidad para alcanzar al sujeto del inconsciente desde la infancia.

### **Palabras clave:**

Psicoanálisis infantil; Función materna; Sujeto del inconsciente;  
Síntoma parental; Fantasía.

## Faut-il parier sur une analyse avec des enfants ? Quelques observations sur la psychanalyse infantile

### Résumé

Cet article propose une lecture psychanalytique à partir du cas clinique d'un garçon de 11 ans qui présente des symptômes émotionnels et somatiques, tels que le bégaiement et l'asthme, résultant d'expériences de harcèlement scolaire. Il analyse le symptôme comme l'expression de la vérité inconsciente du couple parental. Il met en évidence l'absence d'une fonction paternelle opérante comme facteur déterminant dans la constitution du symptôme et dans la fragilité émotionnelle du sujet. La discussion s'appuie sur la théorie lacanienne, en abordant la spécificité du temps logique de l'enfance et en remettant en question la prédominance de la perspective développementale. Le texte souligne le rôle de l'analyste comme partenaire de la demande à la fois de l'enfant et des parents, en montrant comment le symptôme permet une tentative d'inscription subjective face à l'Autre. L'analyse offre à l'enfant un espace d'élaboration de sa souffrance et favorise la construction d'une manière singulière de faire avec la jouissance et les fantasmes parentaux. Elle réaffirme la légitimité et la singularité de la clinique psychanalytique avec les enfants, en reconnaissant sa capacité à atteindre le sujet de l'inconscient dès l'enfance.

### Mots-clés :

Psychanalyse avec les enfants ; Fonction maternelle ; Sujet de l'inconscient ; Symptôme parental ; Fantasme.

### Introdução

O sintoma da criança pode representar a verdade do casal familiar (Lacan, 1969/2003a). Neste trabalho, proponho desenvolver algumas observações sobre o atendimento em psicanálise por meio do caso de um menino de 11 anos e sua mãe. Trata-se de uma análise da demanda apresentada, na qual a criança sofre *bullying* na escola e manifesta uma desorganização emocional que a impede de frequentar as aulas, realizar provas e praticar esportes. Esse impedimento social estende-se a outros contextos em que a criança está inserida.

Diante disso, cabe a pergunta: existe uma especificidade quanto à entrada da criança em análise? A estrutura da linguagem leva a considerá-la como sujeito efeito do significante por direito próprio, excluindo o tempo cronológico. Compreendê-la unicamente a partir de sua idade implicaria, portanto, reduzir a psicanálise com crianças à perspectiva de desenvolvimento — perspectiva essa que tende a dominar esse campo e, atualmente, ganha ainda mais força, com

a ascensão da tese do neurodesenvolvimento, que busca se impor em lugar da causalidade psíquica.

Faz-se necessário distinguir qual estrutura se impõe ao analista que atende crianças. Existe um sintoma nomeado pela mãe, e outro, pela criança. Podemos entender que o sintoma *na* criança se refere àquele trazido por seus pais, que demandam tratamento. Já o sintoma *da* criança é aquele nomeado pelo próprio sujeito da análise — aquele que fala. Mas como separar a verdade contida no sintoma da criança? E como escutá-la, quando se trata de uma queixa alienada na criança, de um sintoma da criança? Cabe-nos esperar a nomeação pelo sujeito em questão (Faria, 2016/2023).

Com a linguagem, certos gozos são interrompidos, mas também são introduzidos outros que persistem — os gozos pulsionais, cuja gramática se alimenta por meio de palavras. Na recriação ou suspensão dos tempos do sujeito, intervém o Outro real, por isso o esforço de Lacan em conferir a essa incidência um estatuto lógico na estrutura do sujeito, e recolocar seu lugar na psicanálise da criança mostra-se fundamental (Flesler, 2007).

Reconhecer que a psicanálise se dirige à criança, mas que aponta, sobretudo, para o sujeito — sujeito esse que não se define por uma idade cronológica, mas por tempos estruturais —, constitui um convite a repensar as intervenções do analista (Flesler, 2007, p. 21).

O tempo lógico próprio da infância convida a especificar quais são as coordenadas que possibilitam a entrada em análise do “jovem sujeito”. Esse tempo lógico corresponde ao da estrutura, ao qual se soma o tempo próprio do “movimento da libido” na criança (Freud, 1910/1996).

A escuta, por parte do analista, dos significantes veiculados por aqueles que acompanham a criança constitui uma distinção essencial. A entrada da criança em análise é efeito da oferta do analista, que se posiciona como parceiro da demanda da criança e também da de seus pais ou substitutos. Esse enlaçamento é o que torna possível a constituição do saber da criança e de seus sintomas no encontro analítico.

O discurso do Outro, do qual a criança depende, é mobilizado desde os primeiros encontros clínicos (Lacan, 2003a). Segundo Lacan (1960/2003c), em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, o Outro representa a instância da linguagem, o campo simbólico no qual o sujeito é constituído. É nesse campo do Outro, lugar do significante, do “inconsciente estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1953/1998, p. 270), que emerge o sujeito. O sujeito do inconsciente é efeito do significante, ou seja, ele emerge como resposta ao que vem do Outro. Ainda:

O sujeito vai muito além do que o indivíduo experimenta subjetivamente: vai exatamente tão longe quanto a verdade que ele pode atingir... Sim, essa verdade de sua história não está toda em seu desenrolar, mas o lugar se marca aí, nos choques dolorosos que ele experimenta por conhecer apenas suas réplicas, ou então em páginas cuja desordem mal lhe proporciona algum alívio. (Lacan, 1953/1998, p. 266)

No caso descrito neste artigo, a característica mais marcante é a gagueira-sintoma, que gera angústia na mãe, a qual relata ter vivenciado experiências semelhantes de não aceitação social, tanto quanto seu filho. Ela conta que, na escola, era chamada de “boca de piano”, em razão do tamanho de sua boca e dentes. Apesar disso, trata-se de uma mulher muito bonita, assim como o filho.

Ressalta-se que nomear a mãe de Outro é evidenciar a importância que esse lugar dá à função de suporte, marcando, ao mesmo tempo, que o sujeito é efeito de linguagem e que, por meio dela, constitui-se. Mas faz-se necessário advertir que o próprio Lacan a chamou de Outro primordial, para articular o lugar à função (Faria, 2016/2023).

Podemos localizar o caso em questão na teoria da alienação, de Lacan (1964), sendo o trabalho de análise incluído no processo de separação, ainda ressaltando que a alienação está relacionada com o significante e que estamos no campo da linguagem.

O sujeito constitui-se, simultaneamente, como efeito da alienação ao significante e como produto residual dessa operação — um resto que instaura a hiância sobre a qual se funda a lógica da separação, da qual depende o estatuto do Outro como desejante (Faria, 2016/2023).

## **A criança analisante**

Na primeira entrevista com os pais, a mãe não compareceu, justificou que não tinha estrutura emocional para lidar com a situação. Estava muito mobilizada, identificada com o sofrimento do filho e revivendo experiências passadas.

O pai, por sua vez, interpretou o sintoma do filho de maneira diferente. Segundo ele, T. sofre de timidez, é muito sensível e teme ser ridicularizado, embora considere que o contexto seja normal para sua faixa etária.

T. inicia sua análise bastante fragilizado, com sentimentos de menos-valia, e expressa desejo de não continuar vivendo; chora muito dentro e fora da sessão. Relata frases como: “Minha vida é horrível”, “Sou péssimo em tudo”, “Sou gordo”, “Sou feio” e “Tenho vontade de morrer”. No entanto, trata-se de um menino fisicamente com estatura acima da média para sua idade, fisicamente bonito, sem sinais de obesidade, sem dificuldades de aprendizagem e com talento musical — toca bateria com habilidade. É dócil, mas flerta com a agressividade: apresenta

explosões diante de objetos e manifesta concordância com comportamentos agressivos de colegas.

Curiosamente, sua gagueira é o que menos o incomoda, ainda que cause grande incômodo à mãe. Após um longo período de tratamento fonoaudiológico, T. domina com competência as técnicas aprendidas, mas sua mãe queixa-se de que ele não realiza os exercícios diários para melhorar a fala.

Nesse contexto, a gagueira caracteriza um medo irracional e intenso, desproporcional, diante de algumas situações e pessoas, fazendo-o evitá-las e retirando-o da cena social, impossibilitando-lhe de colocar seu conhecimento à prova (ele paralisa diante das provas escolares). Simultaneamente, ele insiste no desempenho esportivo, recusando-se a aceitar que não seja muito bom: deseja ser excelente. Isso nos lembra a transgeracionalidade do significante, pois o sujeito é influenciado pelo campo da linguagem mesmo antes de nascer, o que tem implicações significativas para sua vida e também para a fisiologia de seu corpo e a forma como adoece, que deve ser vista em sua dimensão simbólica. O corpo se constitui por meio do laço com o Outro, e o nascimento do ser humano não se limita ao evento biológico. Ele é um processo contínuo, moldado pelas marcas que a linguagem do Outro deixa no organismo. Por essa razão, podemos utilizar a expressão “corporeidade”, em uma única palavra, para enfatizar essa fusão entre o corpo e a linguagem.

Não há agressividade de forma explícita direcionada ao pai. No entanto, há uma forte cumplicidade com a mãe, que se torna a principal mediadora de todos os conflitos e dificuldades. Toda a problemática passa por ela, e o pai se coloca como auxiliar na vida do filho e da esposa.

L., a mãe, descreve o marido como sendo dez anos mais velho. Afirma que ele lida com a situação do filho de forma mais leve. Reconhece-o como um bom pai e “bom moço” para se casar, mas o considera feio e sente vergonha de apresentá-lo em eventos sociais. Ao ver frustradas suas expectativas de beleza, sociabilidade e sucesso familiar, L. mergulha em sofrimento. Compara-se aos outros, posicionando-se como inferior. O fato de o filho ter uma banda e conseguir fazer algumas interações com os colegas não é valorizado por ela — ele não corresponde às suas expectativas. Entre essas expectativas, estão: ter família grande e unida, sair em grupos, ser popular na escola — sonhos da adolescência não realizados, que agora são transferidos para o filho.

Fortemente identificada com ele, L. relata ter sofrido *bullying* na adolescência, especialmente por causa de sua aparência — era chamada de “boca de piano”, pelo tamanho de sua boca e dentes. Acredita que ela e o filho partilham a mesma essência: ambos seriam puros, solitários e rejeitados. A separação de seus pais, aos 16 anos, quando foi estudar em outra cidade, é vivenciada até hoje como abandono. Diz: “fui jogada para fora da família”.

Para evitar que T. tenha frustrações, L. o preserva de muitas situações, escolhendo por ele com quem e onde brincar. Ajuda com as atividades da escola, para que não ocorra falha e ele não fique ansioso. Cada situação evitada o deixa ainda mais inseguro. Cada treino para melhorar a gagueira o deixava mais tímido, deixando o sabor amargo de não se sentir suficiente em nada.

Uma vez localizado o sintoma, T. começou a suspender seu modo automático de tentar ser “bom em alguma coisa” e falar sem gaguejar. Longe de recriar seu lugar de falta, seu novo modo de operar funciona como um tampão, cujo lugar fixo no narcisismo da mãe não lhe permite mais questionar. Repete: estou bem, você já me ajudou, agora está tudo tranquilo na escola.

A mãe tenta interferir no processo analítico; passa a enviar mensagens antes do horário da sessão, dando dicas de como a analista poderia trabalhar com ele, geralmente sobre situações que ocorreram. Tem como objetivo transformar a análise em um processo adaptativo, para que o filho possa circular socialmente, de forma que tudo pareça normal e até mesmo negue seu sofrimento para ser incluído. Assim, T. começa a se cansar da análise e pede para parar. A gagueira, sintoma que não o incomoda, quase permite perceber um desejo de mantê-la como forma de singularidade e de fazer barreira à alienação ao desejo da mãe. Porém, ao evitar o questionamento de suas próprias enunciações, o significante, em lugar de responder como significante, responde como signo. Em lugar de representar o sujeito para o outro significante, representará algo para alguém, paralisando novas significações para o sujeito.

A asma, sintoma recorrente, deixou de se manifestar. T. sofria crises intensas, que exigiam internações em unidade de terapia intensiva (UTI), pois sua saturação de oxigênio caía drasticamente. Ele também deixou de chorar na frente das pessoas — algo que incomodava profundamente sua mãe —, ou, como diz, “aprendeu a chorar sem que se perceba”.

Durante o tempo em análise, havia para ele uma possibilidade de autorização: a permissão de poder falar de seu sofrimento. Contudo, como ele mesmo dizia, “é difícil sentir e controlar os efeitos depois”. Assim, passou a preferir não falar e não sentir.

Parecia que, gradualmente, T. seria introduzido à linguagem de seu desejo e poderia encontrar suas próprias respostas, seu estilo e sua maneira de lidar com seu gozo. Após um ano e meio de análise, sua mãe entendeu que ele deveria seguir sozinho e aprender a lidar com as dificuldades sociais, que sempre existirão, assim como ela o fez.

A analista respeitou o desejo de interrupção da análise de T., por ele não querer correr o risco de desorganizar um funcionamento conquistado — ainda que adaptativo ao desejo da mãe e às situações sociais —, que lhe possibilitava estar de um modo menos fragilizado diante do outro.

## Discussão

Se, conforme Freud (1909/1990), a angústia está ligada à ameaça de castração, quando ela se manifesta? Segundo o autor — e parece que corresponde à articulação com o caso aqui citado —, isso ocorre no momento em que o menino reconhece a castração de sua mãe. T. compartilha sua tristeza exclusivamente com ela.

Um ser humano chega ao mundo, portanto, engendrado no entrecruzamento desses modos de espera do adulto, que, nos vazios de sua trama, atribui-lhe um lugar como objeto do desejo, do amor e do gozo (Flesler, 2007, p. 17).

E, por isso, os pais trazem a criança para consulta, mas é também por isso que a tiram.

A criança não é uma tábula rasa sobre a qual os significantes são simplesmente inscritos. Desde o primeiro grito ao nascer, emerge um intérprete da *lalangue*, delineando o processo de constituição do sujeito do inconsciente (Lacan, 2003a, p. 364).

As inscrições que constituem o inconsciente são significantes provenientes do Outro, cuja transcrição e inscrição dependem de um trabalho interpretativo específico, realizado pela criança. Esse processo não exclui a possibilidade de ela ser observada e interpretada pelo Outro.

O papel do Outro na interpretação da criança é crucial. Embora esse nem sempre coincida com os pais biológicos, possibilita sua introdução na linguagem e, conseqüentemente, sua inserção na fala, integrando-a ao processo de identificação. Como essa mãe interpreta seu filho?

Para adquirir sua língua, confirmar sua inscrição na linhagem e adotar seu sexo, a criança realiza esse grande trabalho de interpretação, que diz respeito a seu mundo e aos significantes que o constituem. Por meio do sintoma, esta tripla operação, sua instalação na linguagem, na linhagem e no sexo, permite a inscrição no vínculo simbólico e social. Quando essa operação falha, o recurso ao analista pode ser mobilizado por meio de uma demanda específica (Lacan, 2003b).

Como desatar o nó no qual a criança está enredada?

Desde a descoberta freudiana do inconsciente (Freud, 1910/1996), a criança é considerada sujeito do inconsciente e, portanto, um analisante. A idade, inclusive a ausência de fala, não impede o acesso à experiência analítica.

Lacan (1960/2003c) se interessa, particularmente, pelo sujeito primitivo e evidencia a centralidade da estrutura simbólica. Ele demonstra como a criança é marcada pela linguagem tanto antes quanto depois do nascimento. A palavra do Outro afeta o sujeito bem antes que ele mesmo a utilize. “O Outro, como sítio prévio do puro sujeito do significante, ocupa a posição mestra, de dominação, antes mesmo de ter acesso à existência” (Lacan, 1960/2003c, p. 821).

É a abordagem do sintoma *na* criança, colocada no ponto de vista da verdade, que permite distinguir a diferença fundamental entre a identificação da criança

ao sintoma e a identificação ao objeto. Essa identificação é decisiva, pois determina a amarração da estrutura clínica do lado da neurose, psicose ou perversão — nesse caso, na neurose —, embora ainda se mantenha como efeito da alienação ao significante. Contudo, é necessária a separação para fundação do desejo. Embora o significante não seja igual à coisa e sua combinatória carregue a marca da falta, somente uma falta renovada abre lugar para a palavra (Flesler, 2007, p. 31).

O término precoce da análise deixou em aberto algumas questões. A aposta é de que a criança esteja identificada ao sintoma que representa a verdade do casal parental, conforme trabalha Lacan (2003b) em “Nota sobre a criança”. Segundo ele, embora se trate de algo complexo, é também mais acessível às intervenções do analista, tanto que podemos observar mudanças sintomáticas que ocorreram durante o atendimento.

A psicanálise não consegue responder a todo mal-estar social, mas mantém uma oferta: a que o analista faz à criança, sendo, sem dúvida, a única alternativa em relação à indiferença à criança generalizada (Lacan, 2003a): um modo de tratá-la como objeto e deixá-la sem palavra e sem responsabilidade.

A experiência clínica ensina, diariamente, que, quando a criança se aproxima dos primeiros encontros com um analista, pode fazer de forma independente e assumir imediatamente uma posição desejosa. A formulação de um pedido inicial pelos pais ou profissional de saúde, quando acompanhada de uma proposta de análise pelo analista, requer avaliação: as razões para aceitá-la ou não residem do lado da criança. Eles não dependem de sua idade ou de sua maturidade, mas de um desejo decidido ou mesmo decisivo. A análise não pode ser realizada de forma forçada.

Na análise, cada sujeito constitui um lugar de endereçamento para seu sofrimento e tem a garantia de uma presença e de uma escuta atenta de sua palavra.

Na psicanálise da criança, a fantasia dos pais da realidade sobre a criança, por vezes, parece mais acessível do que o acesso aos próprios significantes da criança. É esse peso da fantasia, do axioma inconsciente de cada um, que a psicanálise tenta extrair e deslocar, nas curas dos adultos, para que estejam menos encadeados àquilo que os comanda sem que o saibam (Lacan, 2003a, p. 362).

Os ensinamentos de Freud e Lacan também nos permitem especificar alguns conceitos fundamentais para entender melhor os problemas clínicos que surgem em cada experiência clínica. Entre esses conceitos estão a linguagem, os complexos familiares, o sujeito, o sintoma e a estrutura clínica (Lacan, 2003a). Não foi desenvolvido neste artigo, mas é importante destacar que sua exploração, por meio dos diferentes analistas que marcaram a história da psicanálise com crianças, mostra uma verdadeira progressão da prática e da teoria, ao mesmo tempo que enfatiza a singularidade de cada analista.

É comum ouvir que a psicanálise infantil não é psicanálise, pois as “curas” não são longas o suficiente: o trabalho permaneceria, portanto, inacabado, e a interferência dos pais na realidade impediria que a criança acessasse um lugar simbólico, o do sujeito do enunciado. Além disso, a criança ainda não teria atravessado o Real de um encontro sexual, então o trabalho clínico permaneceria frágil e efêmero. No entanto, a clínica com crianças se revela em constante dinâmica.

O sintoma somático, nesse contexto, torna-se um meio potente de manter esse desconhecimento. Ele pode operar como prova de culpa, objeto fetichista ou materialização de uma recusa fundamental. Dessa forma, na medida em que carrega esse aspecto real, a criança se vê submetida a uma captura ainda mais intensa dentro da fantasia (Lacan, 1969/2003a).

Então, o que a clínica com crianças traz à psicanálise? Maior liberdade do psicanalista em suas intervenções? Uma atenção mais fina à maneira como os significantes do Outro atingiram precocemente o corpo do paciente em sua relação com o Outro materno? Ou ainda uma vigilância mais fina do lugar que ocupa no desejo parental, na forma como é objeto da fantasia, materna ou paterna?

Retomando a pergunta que dá título a este artigo: vale uma aposta em uma psicanálise com crianças?

Entre os atendimentos relatados no artigo, que se colocaram entre as demandas do filho e da mãe, vias distintas se abriram, ao se ler a verdade do sujeito que o sintoma trazia em si, abrindo caminho para um efeito renovado de sentido para o sujeito. Quando a criança apresenta sintomas à escuta do analista, ela conta com recursos simbólicos de uma estrutura furada, na qual o sintoma representa uma falha na eficácia da falta. Assim, o objeto falta no Real, e sua eficácia se desloca para a economia dos gozos. Se um gozo se perde, outro se alcança, o que traz a possibilidade de buscar novos objetos de gozo.

Podemos ainda perguntar se intervir na infância se refere apenas à recristalização de um sintoma ou se, de fato, um analista deixa marca na estrutura.

O atendimento a adolescentes e adultos que passaram por um processo analítico na infância nos leva a supor que uma análise realizada nesse período produz uma posição distinta do sujeito, especialmente em relação ao saber como falta. Os efeitos mais evidentes dizem respeito à disposição do sujeito para a análise e a uma forma diferenciada de articulação do saber em relação à sua verdade.

Nesse sentido, a clínica com crianças parece, ao mesmo tempo, mais direta — menos filtrada e mais evidente, sendo feita diante de nossos olhos — e mais complexa, pois está entrelaçada à demanda e aos desejos parentais que aprisionam a criança, mas que paradoxalmente também lhe garantem certa base simbólica.

Essa clínica infantil, surpreendente, fora do comum, na qual a “claudicação” e as bizarrices parecem ainda mais óbvias do que em adultos, não teria, ao apertar

o “objeto constitutivo do desejo” o mais próximo possível, um efeito refrescante na psicanálise?

Vale a aposta.

## Referências bibliográficas

- Faria, M. R. (2023). *Introdução à psicanálise de crianças: o lugar dos pais*. São Paulo: Toro Editora. (Trabalho original publicado em 2016)
- Flesler, A. (2007). *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1990). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (o caso do pequeno Hans). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (3a ed., Vol. 10, pp. 23-123). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1996). Cinco lições de psicanálise. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 13-46). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Lacan, J. (1964). *Seminaire 11 : fondements*. Versão Staferla. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S11/S11%20FONDEMENTS.pdf>
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 238-325). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (2003a). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 361-368). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2003b). Nota sobre a criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2003c). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)

**Recebido:** 23/04/2025

**Aprovado:** 16/07/2025